



O PAPEL DO PROFESSOR FACE À LITERATURA COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR

THE ROLE OF THE TEACHER IN LITERATURE WITH EARLY EARLY EDUCATION CHILDREN IN THE SCHOOL CONTEXT

 **Simone Eliane dos Santos Pessanha**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)

Universidade Nove de Julho - UNINOVE

São Paulo, SP - Brasil

simone.leozinho@gmail.com

 **Maurício Pedro da Silva**

Doutor pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação em

Educação (PPGE)

Universidade Nove de Julho - UNINOVE

São Paulo, SP - Brasil

maurisil@gmail.com

Resumo: O presente artigo aborda o segundo capítulo da minha dissertação de mestrado, que versa sobre a mediação do(a) professor(a) com a literatura infantil para crianças pequenas da Educação Infantil. Apresenta a importância de a leitura ser realizada nos primeiros anos de vida no contexto familiar; a biblioteca escolar como importante fonte de leitura e descobertas; a literatura como função social de informação e conhecimento; o ler e o contar; o caráter didático do livro; as relações entre texto e imagem e a importância da história e cultura afro-brasileira e africana no contexto escolar. Com base em conceitos propostos por Abramovich (1995), Parreiras (2012), Fonseca (2012), Lajolo (2006), Munanga (2005), Debus (2017), BNCC (Brasil, 2017), entre outros, é elaborada uma discussão sobre a relevância de a literatura infantil ser trabalhada com crianças pequenas, a partir da mediação e prática docente, referenciadas por importantes autores(as) que escrevem sobre essa temática.

Palavras-chave: literatura infantil; leitura; prática pedagógica.

Abstract: This article addresses the second chapter of my master's thesis, which deals with the teacher's mediation with children's literature for young children in Early Childhood Education. It presents the importance of reading in the first years of life in the family context; the school library as an important source of reading and discoveries; literature as a social function of information and knowledge; reading and counting; the didactic nature of the book; the relationships between text and image and the importance of Afro-Brazilian and African history and culture in the school context. Based on concepts proposed by Abramovich (1995), Parreiras (2012), Fonseca (2012), Lajolo (2006), Munanga (2005), Debus (2017), BNCC (Brazil, 2017), among others, a discussion is elaborated about the relevance of children's literature being worked with young children, based on mediation and teaching practice, referenced by important authors who write on this topic.

Keywords: children's literature; reading; pedagogical practice.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

PESSANHA, Simone Eliane dos Santos; SILVA, Maurício Pedro. O papel do professor face à literatura com crianças da educação infantil no contexto escolar. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 185-205, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v22n2.24149>

1 Introdução

O encontro entre a literatura infantil e a mediação docente, na Educação Infantil, é enriquecedor para as crianças, posto que estão em processo de aprendizado e formação social. A leitura deve ser incentivada para os pequenos, desde os primeiros anos de vida, no contexto familiar, e ter continuidade no decorrer das etapas escolares. As escolas que possuem bibliotecas apresentam uma riqueza para as crianças, uma vez que os livros oferecem narrativas que são importantes fontes de leituras e de descobertas.

Além das descobertas proporcionadas pelos livros, a literatura é importante para a formação social, pois, ao oferecer assuntos diferenciados, posicionam o olhar do leitor para a conscientização e cidadania, formando o caráter do sujeito para os diversos assuntos do contexto cotidiano. Além disso, o texto aborda a diferença entre “ler uma história” e “contar uma história”. Existe diferença entre essas duas formas de leitura, mas ambas são essenciais para a mediação docente nos momentos de literatura.

Ao falar da literatura, é importante entender que ela pode ser oferecida pelo seu caráter didático, isto é, com propósitos didáticos e pedagógicos, mas também pode ser ofertada pelo seu caráter estético, pelo prazer da leitura, apenas pelo ouvir uma história. Contudo, as duas formas envolvem a escolha do(a) professor(a); ambas têm relação com o planejamento docente e visam a algum tipo de resultado ou objetivo pedagógico.

Os livros também podem ser brinquedos, na medida em que reúnem uma materialidade adaptada a atividades práticas lúdicas. Com esse tipo de suporte de leitura, o ler acaba sendo uma leitura e uma brincadeira. A partir da visualidade e, por vezes, do formato do livro, o gênero empregado convida a criança à atividade, a uma ação direta. Existem livros em que os personagens saltam das folhas ao serem folheadas. Nesse sentido, os livros com ilustrações/imagens despertam o interesse das crianças, principalmente com figuras em tonalidades fortes, coloridas e que convidam o leitor à sua exploração.

Além das imagens, trazer para as aulas a história e a cultura afro-brasileira e africana faz com que, desde a etapa inicial da educação, que é a Educação Infantil, as crianças possam refletir sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, estimular valores e comportamentos de respeito, fomentando a igualdade.

O presente artigo é fruto do segundo capítulo da minha dissertação de mestrado. Versa sobre a mediação do(a) professor(a) no trabalho com a literatura infantil para crianças pequenas, no contexto escolar da Educação Infantil. A partir da literatura apresentada, percebemos que as práticas docentes mediadas pela literatura são de fundamental importância no processo de ensino

e aprendizado da leitura, e que as práticas utilizadas auxiliam os aprendizes na conscientização e importância da leitura para a vida em sociedade.

2 O papel do(a) professor(a) no processo de aquisição da capacidade leitora da criança

A leitura, na Educação Infantil, possibilita contribuições significativas para o aprendizado dos pequenos leitores. Algumas temáticas abordadas nos textos de diferentes autores(as) levantam questionamentos culturais e sociais importantes a serem trabalhados.

Para Abramovich (1995), o contato com a literatura infantil deve acontecer desde cedo, já no contexto familiar, para que a criança antecipe o seu conhecimento de mundo. Quando a criança tem acesso à leitura nos primeiros anos de vida, ela aprende a se expressar melhor, amplia o desenvolvimento da imaginação e poderá tornar-se crítica mediante as várias narrativas. A autora complementa:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (Abramovich, 1995, p. 16).

Por isso, a literatura é fundamental na vida dos futuros leitores. Ler para as crianças proporciona o desenvolvimento do imaginário, responde à curiosidade das perguntas que surgem, possibilita a descoberta de ideias e de conflitos que podem ser resolvidos pelos personagens das histórias. Segundo Abramovich (1995, p. 17),

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

A autora relata que, para contar uma história à criança, é preciso saber o que está fazendo; não deve ser feito de qualquer maneira, utilizando o primeiro livro que encontrar na estante. Antes de realizar a leitura para as crianças, o(a) educador(a) precisa ter lido o livro, porque, se não o fizer, poderá perder as pausas, a entonação, impossibilitando que o encanto do imaginário infantil aconteça. Por isso, o(a) professor(a) deve conhecer bem o texto que está sendo lido, para que ele possa ser aproveitado da melhor maneira.

Quando a criança tem acesso a assuntos diversos e percebe que aquilo que ouviu está em um livro, e que, se quiser, poderá recorrer a ele quantas vezes achar necessário, faz despertar seu interesse para os livros e suas leituras. A leitura é indispensável, principalmente para a criança que

já sabe ler. “Quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias; porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las” (Abramovich, 1995, p. 23).

Para a criança que ainda não sabe ler de forma convencional, a autora ressalta:

O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (Abramovich, 1995, p. 24).

Quando a história é bem contada, a criança se sente envolvida e a narrativa passa a fazer sentido, provocando sentimentos e variadas significações, mediante a mensagem transmitida. Os livros de histórias que não possuem texto escrito também propiciam várias possibilidades de narrativas visuais, onde os desenhos ou fotos oferecem encantamento e fascinação para a criança. Uma narrativa pode ser construída sem precisar das palavras.

As ilustrações dos livros infantis apresentam características marcantes dos personagens apresentados. É preciso atenção nos estereótipos, uma vez que, por meio das imagens, é possível transmitir preconceitos para o(a) leitor(a), como, por exemplo, é o caso de personagens negros, que muitas vezes são inferiorizados nas narrativas. Esses aspectos podem ser explorados pelo educador, uma vez que as narrativas montam os personagens da história, mas que não servem como referência do que é ou não correto. É preciso o discernimento para separar o que é real e o que é ficção.

As questões éticas e estéticas dos textos podem ser explicadas pelos educadores, para que as crianças possam compreender as variadas mensagens que as imagens podem transmitir, visto que a compreensão do leitor vai se construindo mediante as situações vividas nas diversas narrativas.

Ainda segundo a autora, são muitos os elementos para que o professor trabalhe a poesia com as crianças, como ler um poema em voz alta, encontrar as poesias que mexem com o sensorial (visão, olfato, paladar) e perceber as diversas escolhas feitas. Ao ler um poema para as crianças, é preciso transmitir a emoção verdadeira mediante cada passagem.

Ao selecionar uma poesia para as crianças lerem, é necessário que a escolha seja de um autor que possa provocar o encantamento por meio de suas palavras, e que provoque o desejo na criança de querer mais, de precisar ler de novo, para se inteirar melhor, de compreender ou descobrir algo que a princípio não foi percebido, que proporcione a compreensão de um mundo mágico e especial.

Abramovich (1995) aponta que a literatura é importante fonte de informação. Dependendo

do momento que a criança estiver vivendo, ela pode sentir interesse em qualquer leitura; basta saber abordar o tema. Os livros de literatura e os livros didáticos são diferentes, pois no primeiro não há um objetivo pedagógico, o que já acontece com os livros didáticos.

Na literatura, existe a abordagem de um ou vários problemas e a criança pode estar passando por algum deles no momento em que aquele tema está sendo abordado; com isso, ela se interessa. Para isso, a linguagem do(a) autor(a) da obra escolhida deve ser simples, poética, divertida, triste etc. A linguagem empregada em uma história, geralmente, é feita de acordo com aquilo que o autor quis transmitir ao abordar aquele assunto. Assim, a literatura escolhida poderá dissertar sobre diversos sentimentos que estão relacionados à vida humana, como os contos de fadas.

Os contos de fadas retratam esse universo de problemas e descobertas que partem de situações reais cotidianas. Essas histórias são importantes porque ajudam na descoberta da identidade e se tornam fundamentais para o crescimento, uma vez que, quanto mais narrativas forem lidas, maior será a compreensão do mundo e das relações sociais. Por meio da fantasia, é possível ler o mundo e se inserir nele. Da mesma forma, a fantasia possibilita outros mundos possíveis criados a partir da imaginação.

Quanto aos contos de fadas, Bettelheim (1980, p. 59) afirma que eles respondem a questões eternas: “O que é realmente o mundo? Como viver minha vida nele? Como posso realmente ser eu mesmo?”. Para o autor, as respostas dadas pelos contos de fadas são sugestivas; suas mensagens implicam em soluções de determinados problemas. Além disso, esse gênero textual deixa “[...] à fantasia da criança o modo de aplicar a ela o que a estória revela sobre a vida e a natureza humana [...]” (Bettelheim, 1980, p. 59).

A criança desenvolve o senso crítico com a leitura, aprende a questionar e descobre que pode mudar ou não de opinião. Conversar com a criança sobre aquilo que foi lido é importante, por isso a leitura deve estar inserida na rotina escolar. A história precisa ser discutida, seu ritmo, o começo, o meio e o fim. Falar sobre as personagens é necessário para que a criança se habitue com todas as características apresentadas, mas é preciso cuidado para não didatizar a história, tornando-a enfadonha. Com o tempo, as crianças passam a gostar de determinados autores, de determinados gêneros e até mesmo dizer se gostou ou não da história. E aí se discute a capa, a encadernação, a paginação, o tamanho das letras etc. Aos poucos, aprende-se “[...] a ler a orelha (se tiver), enfim, a deglutir e a enxergar o livro como um todo e o todo do livro” (Abramovich, 1995, p. 146).

Ainda segundo a autora, o(a) professor(a) precisa levar as crianças à biblioteca, para que elas possam descobrir todas as possibilidades que esse ambiente oferece. Esse passeio pode ser muito interessante e possibilitar a descoberta de maravilhas. (Abramovich, 1995).

As bibliotecas escolares possuem função social e cultural. Parreiras (2012) também dialoga

sobre as bibliotecas escolares e sua importância, dado que muitas crianças não possuem acesso a livros e a leituras de nenhuma espécie; sendo assim, a biblioteca se torna importante fonte de leitura. O acolhimento desse espaço proporciona o acesso à leitura literária e várias outras leituras que são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, que são fontes inesgotáveis de empoderamento e aprendizado.

São várias as experiências que poderão ser aprendidas nesse espaço tão importante de conhecimento e criação, onde as crianças aprendem e/ou aprenderão de forma construtiva, deixando, assim, lembranças ricas e infinitas dessa fase na memória.

De acordo com Parreiras (2012, p. 188),

Por sua vez, devemos conceber a biblioteca escolar como um espaço de congregação da leitura e da cultura, o local que recebe o leitor, que lhe oferece as novidades, que são os livros e periódicos. É o local de presença constante de educadores, de professores, de alunos, de funcionários e de famílias, ou seja, toda a comunidade escolar. É de fato um lugar de troca e de apropriação, de fato, do conhecimento: daquele subjetivo, que é só nosso.

Assim, a biblioteca escolar é um espaço construtivo que deve ser valorizado e incentivado constantemente. Grupos de estudos, leituras e discussão podem ser criados e estimulados nesse espaço, onde professores, alunos e comunidade escolar podem aprender em conjunto, mediante trocas culturais e o contato com as novidades diárias. Rodas de leitura contribuem substancialmente para a formação do leitor literário, afinal, a literatura oferece várias possibilidades.

Por isso, desenvolver trabalhos diferenciados e que fujam do corriqueiro da sala de aula é de suma importância para a criança e para todos os envolvidos. Quando a criança possui autonomia para entrar nesse espaço e fazer suas próprias escolhas, ganha confiança em si mesma e acredita que pode aprender, visto que foi incentivada às descobertas. Esse espaço não precisa ser apenas para uso didático, pode ser para descobertas e recreação; o mais importante é que seja acessível e abra portas para o interesse dos leitores e/ou não leitores, explorando e descobrindo um novo universo por meio da literatura.

Para Fonseca (2012), é pertinente pensar na literatura como uma porta de entrada que levará a criança para o universo da leitura, uma vez que as histórias são repletas de situações inusitadas e muitas são parecidas com as situações vividas no cotidiano. Falam das diferenças culturais, étnicas, sentimentos, emoções, decepções, aprendizados, ensinamentos etc. Inserem o indivíduo de forma plena no convívio em sociedade, possibilitam o criar e o recriar, mediante as várias expectativas que as narrativas apresentam.

É possível que a leitura seja oferecida como uma possibilidade de informação, conhecimento e cidadania. A leitura possibilita que as pessoas tenham acesso aos saberes produzidos pela humanidade. Todas as áreas do conhecimento podem ser encontradas e compreendidas por meio das diversas leituras espalhadas pelo mundo. Os saberes orais, que não estão escritos ou publicados, tornam-se igualmente importantes para a formação dos aprendizados culturais.

Sobre o caráter social da literatura, Hampel (2016, p. 81) diz que

[...] a literatura não se esquivava de sua função política, uma vez que dá oportunidade de atribuímos sentido para vida e para o mundo sob diferentes pontos de vista, de expandirmos nossas possibilidades de expressão e, assim, construirmos nossos próprios discursos. Dar às crianças condições para que, desde a mais tenra idade, possam ouvir e contar histórias é, antes de tudo, um passaporte para cidadania.

A cidadania inicia logo cedo com os aprendizados familiares e depois escolares, e seguem em construção por toda a vida; por isso, a leitura tem caráter importante na formação. “A leitura na Educação Infantil tem um papel fundamental na vida de uma pessoa. Nessa fase, a criança descobre o mundo que a cerca e observa com cuidado e curiosidade tudo e todos que estão à sua volta.” (Fonseca, 2012, p. 14).

A Educação Infantil é a etapa escolar inicial na vida das crianças. Muitas informações são trazidas do contexto familiar e outras são apresentadas por meio da leitura e do acesso aos livros, mediados pela ação docente. “Quem lê tem acesso a informações ‘privilegiadas’ e sai na frente em qualquer disputa, pois vivemos em um mundo letrado” (Fonseca, 2012, p. 16).

A literatura possibilita o processo reflexivo e permite melhor compreensão para que as crianças possam usufruir dos seus direitos, pois terão melhores condições cognitivas para interagir e modificar sua realidade. Nesse sentido, o fato de compreender um texto e saber desvendá-lo capacita a criança. Segundo Fonseca (2012, p. 18),

O livro transmite para quem o carrega uma imagem de conhecimento, de saber. Seja um adolescente, que passa um tempo juntando dinheiro e um dia sai orgulhoso de uma livraria com suas novas aquisições, seja uma criança que olha admirada para as páginas de um livro mesmo antes de saber ler, um solitário que faz do livro sua companhia ou um pai analfabeto que compra uma coleção para seus filhos – ele não sabe ler convencionalmente, mas sabe que ler é importante. O livro nos empresta uma imagem de cultura, conhecimento, respeitabilidade.

A leitura de um livro tem diversas funções, como nos desequilibrar, para somente depois reequilibrar, ao mesmo tempo que nos ensina e nos posiciona perante o mundo. A leitura tem como função primordial ser nossa companheira em toda a vida e estar sempre ensinando e surpreendendo.

Dessa forma, o profissional da educação, que lida diariamente com crianças, não deve pensar apenas em suas escolhas pessoais para selecionar uma leitura, deve escolher textos diversos que ampliarão as expectativas e o universo imaginativo dos leitores iniciantes, promovendo descobertas e saberes. Oferecer narrativas variadas amplia o repertório infantil, como narrar, relatar, expor, explicar, argumentar, instruir, ensinar etc.

Em relação às mediações de leitura, Pinto (2018, p. 40) também se posiciona:

Na etapa compreendida como creche da escola de Educação Infantil, o professor é o agente que conduz as mediações de leitura entre os bebês e é possível observar o desejo dos pequenos pelos livros de histórias e interesse pela leitura realizada pelo professor. Esses momentos de leitura devem ser planejados pelo professor, desde o modo como organiza o tempo e o ambiente, até as obras literárias que são selecionadas para deixar à disposição das crianças e as histórias que conta para e com as crianças.

É pertinente que o professor, após a leitura, deixe as crianças conversarem e perguntarem a respeito da narrativa; dessa forma, elas podem criar e recriar mediante sua percepção e passam a fazer parte da história, porque interagiram com ela de forma ativa.

Sobre a mediação docente com os bebês, Galvão (2016, p. 27) aponta

[...] a conexão entre a mediação docente e o interesse dos bebês com as práticas de leitura por entendermos que o mediador experiente pode estimular nos pequenos a curiosidade pelos livros e o prazer proporcionado pelo encontro com a literatura. Consideramos ainda que, nas situações em que participam de leituras literárias, os bebês, guiados pela voz da professora, além de terem acesso às novas palavras, começam a interpretar as ilustrações presentes nos livros, bem como se familiarizam com o discurso narrativo.

É necessário que a escolha por momentos de leitura com as crianças faça parte da rotina do professor. Por exemplo, escolher um conto de fadas poderá proporcionar momentos inesquecíveis para a criança que está iniciando suas atividades leitoras, pois nessas narrativas se encontram dificuldades e conflitos que precisam ser resolvidos, e os pequenos percebem que aquilo está próximo de sua realidade e tentam entendê-lo e resolvê-lo.

Os livros precisam ser selecionados de maneira que contemplem variados gêneros textuais, porque assim ampliarão o universo cultural e literário da criança. É importante que os professores busquem informações sobre os escritores que têm as suas obras voltadas para o público infantil.

Da mesma forma, promover espaços de leitura torna-se necessário para possibilitar a interação das crianças no ambiente. A construção do conhecimento é feita de acordo com as interações nos espaços físicos, por isso, um ambiente acolhedor e planejado facilitará as estratégias de participação de todos os envolvidos no local.

Nas situações de aprendizagens, é preciso utilizar materiais de qualidade na organização dos

espaços, e esses não precisam necessariamente ser comprados; podem ser confeccionados pelos professores, com a participação das crianças. Um baú de histórias que tenha um tesouro guardado, por exemplo, é excelente possibilidade de escolha e as crianças adoram explorá-lo.

Um teatro de sombras é simples e fácil de confeccionar, e os efeitos que produz são encantadores. Cenários de papel criam um clima gostoso para a narrativa oral. Conforme relata Fonseca (2012, p. 124),

As crianças também podem criar seus próprios cenários para contar passagens de sua vida (uma festa de aniversário, o passeio pela praça, um banho de cachoeira, a pescaria do pai, o dia do casamento da tia...) ou histórias que eles escolherem para contar.

Os fantoches são excelentes para manipulação e as crianças adoram os personagens, que podem ser feitos, geralmente, com tecido; mas outros materiais também são excelentes para sua confecção. Os dedoches são minifantoches manipulados pelos dedos; costumam ser muito elogiados pelas crianças. Existem vários cantinhos da sala onde eles podem ficar guardados, como o baú dos tesouros, por exemplo. Deixar que os livros fiquem em um expositor de livros é um facilitador para propiciar o manuseio. Podem ficar em um expositor de tecido, plástico transparente, varal com prendedores, caixas, bancada etc.

A autora complementa que podem ser utilizados carrinhos de livros, pois facilitam o transporte pela escola, podendo circular de uma sala para outra sem dificuldade. As crianças podem pegar um livro para ler na escola e/ou em casa; depois, fazem a devolução. As caixinhas que guardam cadernos com versos, quadrinhas, parlendas, adivinhas e trava-línguas são bem recepcionadas. Elas podem ser utilizadas com bebês e crianças maiores, e os pais dos alunos podem ajudar com a escrita. Quando o(a) professor(a) for ler os textos para as crianças, poderá utilizar o cantinho da leitura.

Um mural próximo ao canto da leitura é interessante, visto que será possível colocar uma lista com os nomes das histórias, personagens, autores preferidos, lendas, contos, parlendas ou assuntos variados de interesse do grupo. Cartazes com poesia e outros podem promover momentos de leitura que ampliarão o universo cultural. Os biombos podem criar espaços na sala de aula onde a história pode ser contada; nesse sentido, criam um ambiente exclusivo para a realização da leitura, que pode ser feita pelas crianças. Se a turma tiver um diário de leitura, o professor poderá aproveitar para fazer algumas leituras de acordo com o diário que a turma produziu. É preciso ler na Educação Infantil e a leitura deve acontecer todos os dias, como uma atividade permanente. Então,

[...] devemos ler ou contar histórias para os pequenos? E a resposta é: temos de garantir a leitura e a narração de histórias, lembrando que ler e contar são ações diferentes e isso precisa ser explicitado para as crianças: “Agora vou *ler* esta história para vocês. Como estamos estudando as diferentes culturas dos povos africanos, trouxe um livro com um conto angolano. Encontrei este livro na biblioteca. Na história aparece um menino, que tem, mais ou menos, a idade de vocês”. Em seguida o professor *lê* a história, *exatamente* como está escrita no livro.

Outra possibilidade é contar a história. O professor diz que encontrou a história em determinado livro, a mostra e o coloca à disposição para as crianças olharem após a narração e explica que estudou a história para contá-la. Em seguida *narra* a história *com suas palavras*, utilizando gestos e expressões faciais e corporais. (Fonseca, 2012, p. 147-148, grifos da autora).

Para Fonseca (2012), existe o ato de ler e o de contar. Ao ler, é possível perceber que aquilo que o(a) professor(a) está falando não foi algo que ele(a) criou/inventou, mas foi algo que está registrado e ele(a) recorreu àquele conteúdo. Ao contar uma história, é possível observar a linguagem oral, a postura adotada pelo(a) contador(a)/narrador(a), os gestos, entonação da voz, expressões faciais para cada uma das cenas, improvisações. “Ao narrar oralmente, trabalhamos com a memória e com o coletivo” (Fonseca, 2012, p. 149).

Nesse aspecto, o ato de ler é fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

No livro *A importância do ato de ler*, Freire (1989, p. 9), na frase “[...] linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, mostra a dinamicidade a qual pertence a leitura e a releitura de textos. A linguagem muda com o passar do tempo, mas a dinâmica permanece sempre; com isto, podemos constatar o quanto nossa memória é viva, lembrando dos tempos de criança e de quando começamos a ter consciência da leitura em nossas vidas.

Segundo Freire (1989), à medida que a criança aprende sua língua materna, aprende com ela uma forma de conhecer o mundo e de se relacionar socialmente. Todo o conhecimento adquirido desde o nascimento até a chegada na escola serve como base de conhecimentos e deve ser valorizado pelos(as) professores(as). Aquilo que a criança já conhece precisa ser valorizado e não negligenciado.

Na frase “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, Freire (1989, p. 9) ressalta que as diferentes linguagens mantêm relação com a leitura de mundo de cada pessoa. Quando a criança vai percebendo o que está à sua volta, as diferentes linguagens que a cercam, ela começa a ampliar sua visão de mundo e entender que faz parte daquele universo, e que ele amplia seu horizonte de imaginação. Quanto maiores forem as experiências transmitidas às crianças, maior será o repertório que elas levarão para a escola; ou seja, a leitura de mundo vem antes da palavra e ela carrega tudo aquilo que conhece, e esse universo linguístico poderá ser ampliado no contexto escolar através das práticas pedagógicas.

O autor chama a atenção para a amplitude do processo de alfabetização, mostrando que a interpretação pressupõe a necessidade de se compreender o mundo. A leitura pressupõe um posicionamento do indivíduo no mundo e, por isso, tem um impacto na constituição do sujeito e no seu posicionamento político. Isso significa que o papel do(a) professor(a) não é apenas o de ensinar conteúdos pontuais, mas também o de investir na formação do sujeito; em outras palavras, chama a atenção para o papel transformador e emancipatório da educação e do conhecimento.

É preciso que os(as) docentes ofereçam, para as crianças que estão entrando em contato com o mundo da leitura, oportunidades de acesso a uma leitura crítica e contextualizada, que possibilite pensar e repensar sobre a literatura apresentada, e que o gosto pela leitura se desenvolva de forma tranquila, na medida em que os conteúdos apresentados sejam de acordo com o interesse e necessidade do leitor. “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (Lajolo, 2006, p. 15).

Por meio das palavras é possível a expressão da realidade, sendo possível exprimir os acontecimentos de acordo com cada situação. O trabalho significativo que compete à escola na formação de leitores não está apenas ligado ao ensino de uma leitura mecânica, isto é, apenas reproduzir os enunciados visando à leitura e à escrita; o papel da escola é tornar possível ao leitor a capacidade de questionar, entender e interagir com o universo de ideias que lhes são apresentadas. Por meio da leitura, dá-se a ampliação de sentidos múltiplos, originados em diferentes lugares e tempos.

A literatura exerce importante função de sensibilização e conscientização na Educação Infantil e precisa ser valorizada pelos(as) professores(as). Torna-se preciso que seja inserida nas práticas pedagógicas, porque favorece o processo de desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças, entre outros. Sendo assim,

A importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo de formação do professor é parte da questão da formação do professor de língua materna. Pois o problema da literatura infanto-juvenil – se é que é um problema – talvez seja mera representação contemporânea de uma crise muito maior e muito mais antiga: faz tempo que não se sabe qual é a formação necessária ao professor de língua materna, porque também não se tem claro a função da escola no que se refere à competência linguística que o aluno deve dominar ao abandonar os bancos escolares. (Lajolo, 2006, p. 17-18).

Para isso, o(a) professor(a) precisa estar familiarizado(a) e gostar da literatura. Dessa forma, estará apto(a) a explorá-la como forma de proporcionar às crianças o primeiro contato com a leitura, de forma lúdica e significativa, ou seja, que faça sentido à criança. Por meio da literatura, as crianças podem aprender conceitos importantes sobre lições de moral e bons costumes, assim como o caráter lúdico e estético que os textos propiciam. Esses temas fazem parte da construção histórica do ser humano. As crianças aprendem e apreendem de acordo com conceitos que vivem

cotidianamente, e essas regras estarão presentes na vida delas, sendo essenciais.

A partir dos ensinamentos escolares mediados pela literatura infantil, as crianças começam a desenvolver pequenos textos escritos e aprendem que podem transcrever no papel seus pensamentos e ideias. Para Lajolo (2006), escrever não está somente atrelado ao fato de escrever qualquer coisa. A escrita está relacionada à aprendizagem e a incentivos que iniciam no ambiente familiar e possuem um estreitamento no contexto escolar, ampliando a leitura de mundo infantil. Antes de iniciar a escrita, as crianças devem conhecer variados livros para despertar seu interesse pelas narrativas.

3 As imagens e as ilustrações trazem grandes descobertas e despertam o interesse

Não são somente livros com histórias e imagens que despertam o interesse do leitor. Há, por exemplo, livros para bebês que trazem diferentes espessuras, cheiros, sons, ruídos, imagens, feitos com muito cuidado e pensando no manuseio por parte da criança. De acordo com Parreiras (2012, p. 107),

Os livros para bebês são objetos culturais que inauguram uma relação com a fantasia, as palavras, as imagens e a estética. Por isso, devemos investir em livros bem preparados, que podem ser marcantes para a criança olhar, sentir, experimentar, e desejar ver outra vez.

Em relação aos livros e à literatura, Parreiras (2012, p. 108) relata que

Nem todo livro traz literatura. Muitos livros trazem histórias para as crianças que nem sempre são literárias. Para ser literatura, a obra deve ter um encantamento trazido pelas palavras e pelas ilustrações: o uso de figuras de linguagem, como as metáforas, de linguagem poética, de coisas subentendidas, de ludicidade, de duplo sentido, de repetições. Ou o texto deve ser sonoro, com musicalidade, com ritmo. Nem tudo está óbvio, nem tudo é linear na literatura. Se estiver tudo dito, escrito, contado no texto, é uma história, um relato sem característica literária: os desenhos se repetem, os conteúdos dos textos não acrescentam algo de diferente. As ilustrações devem sugerir e não repetir o que o texto apresenta.

Ainda de acordo com a autora, o texto não deve ser cheio de explicações. O mais importante é que os textos surpreendam e encantem o pequeno leitor, ou seja, devem proporcionar aquele querer ouvir e/ou ler novamente. Obras literárias para bebês são feitas de textos curtos e que brincam com as palavras, divertindo a criança. “Se houver muitas explicações num livro para crianças, ele fica didático, educativo. A maior função da literatura é o entretenimento” (Parreiras, 2012, p. 109).

O livro também pode ser utilizado pela criança como um brinquedo. Quando manuseia o

livro, o leitor cria um laço e constrói associações por meio da história. Ele forma uma nova experiência, que possui diversas interpretações que variam de uma criança para outra. O livro estabelece elos de comunicação com aquele que está lendo e com o mundo. A literatura vira um brinquedo para a criança, na medida em que ela se apropria do livro, pelo manuseio de suas páginas, de sua escrita, leitura etc.

O brinquedo é trazido como personagem em muitas obras da literatura infantil, por exemplo, em *O Soldadinho de Chumbo*, de Hans Christian Andersen, ou na Boneca Emília do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Livros que têm janelas ou partes que se abrem, ou saem assim que a página é aberta são apreciados pelas crianças. Nessas histórias, os brinquedos têm vida, movimentam-se e interagem como os humanos, porém são brinquedos. Assim, as obras literárias podem ser como brinquedos, por terem metamorfoses e por proporcionarem que os leitores tenham a vivência de um brinquedo.

Ainda de acordo com Parreiras (2012), um livro-brinquedo é interessante para as crianças, por reunir práticas lúdicas em uma diversidade de livros, como, por exemplo: livros de pano, de plástico, de papel, cartonados, livro-brinquedo (*pop-up*) interativo, livro ilustrado (*picture-book*), livro sem texto (de imagem), livro com CD, livro informativo, livro de autoajuda etc. Os livros podem ter fantoches, bonecos, jogos, abas, entre outros recursos e formatos que despertam o interesse dos pequenos para a interação.

Para Parreiras (2012), a linguagem dos livros-brinquedo é adaptada para as crianças. Isto torna o livro-brinquedo apreciado pelos bebês e crianças, o que pode atraí-los ao mundo da literatura, que, por possuir conteúdo literário, contém potencialidades de um livro ilustrado e pode ir além da interpretação de um texto escrito. O livro-brinquedo, que traz literatura em sua narrativa visual, estimula à fruição literária, trabalha com mais possibilidades, e pode constituir um repertório maior de palavras, de imagens, e estimular os movimentos e o imaginário.

Já sabemos que os livros com textos dizem muita coisa para o leitor, porém, conforme relatado no parágrafo anterior sobre os livros ilustrados, o conceito de leitura precisa ser expandido, uma vez que as imagens também podem ser lidas por dizerem muita coisa. Em relação à leitura de imagens, Santaella (2012, p. 10) relata que,

Assim, podemos passar a chamar de leitor não apenas aquele que lê livros, mas também o que lê imagens. Mais do que isso, incluo nesse grupo o leitor da variedade de sinais e signos de que as cidades contemporâneas estão repletas: os sinais de trânsito, as luzes dos semáforos, as placas de orientação, os nomes das ruas, as placas dos estabelecimentos comerciais etc. Vou ainda mais longe e também chamo de leitor o espectador de cinema, TV e vídeo. Diante disso, não poderia ficar de fora o leitor que viaja pela internet, povoada de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras e textos.

Para Santaella (2012), a leitura exerce papel importante para aquele que lê e está presente em todos os veículos de comunicação, seja através de um texto ou por meio de imagens. As relações estabelecidas entre palavra e imagem mudam a forma de o leitor atribuir sentido ao texto, por isso, figuras e imagens passaram a ser peças fundamentais nos livros, oferecendo possibilidades de expressão do conhecimento.

Oliveira (2008, p. 27) também fala sobre a importância da imagem e da magia encontrada nos contos de fadas:

O que mais nos encanta e seduz ao olharmos uma ilustração não é ver o que estamos vendo. Na verdade, o que nos atrai não é necessariamente aquilo que o ilustrador fez. Por mais estranho que possa parecer, o que desperta o interesse do olhar é aquilo que supomos que estamos vendo. Em outras palavras: as sombras são muito mais reveladoras que as luzes. O que está indefinido na penumbra, o que não foi ilustrado, mas sugerido, essa imagem que se origina em nossa mente, em nosso passado, em nossa expectativa e ansiedade de ver, sem dúvida, é a que possui maior poder de pregnância no imaginário do pequeno leitor e, até mesmo, do leitor adulto.

Oliveira (2008) relata que as imagens precisam de interpretação de nossa sensibilidade; tudo aquilo que está oculto chama a atenção e desperta vontade em querer vivenciar. Aquilo que está velado nas ilustrações também desperta o interesse das crianças; as imagens revelam, além de suas representações, processos descritivos ou narrativos; possuem inteligência e vida próprias.

A percepção da cor envolve vários aspectos, como os fisiológicos, psicológicos e culturais. Essas cores podem ser percebidas de formas diferentes, de acordo com quem as vê. Os fatores sociais, culturais e ambientais influem diretamente na preferência pelas diferentes tonalidades. O ilustrador deve garantir em suas imagens a expressividade e planejar relações entre as cores para que a ilustração seja bem construída. Nessa perspectiva, Biazetto (2008, p. 79) relata:

Entendemos como ideal aquela ilustração que encanta, comunica-se com o leitor, num diálogo que não se esgota no primeiro momento, mas convida a criança ou jovem a revê-la, ir e voltar pelas páginas, retomar algum detalhe, olhar novamente.

A autora salienta que a ilustração não é uma imagem isolada. É preciso considerar a relação existente entre texto e imagem. A ilustração mantém vínculo com uma história ou poesia. Sendo assim, o ponto inicial para o ilustrador é o texto, e para a construção de um bom livro ilustrado é essencial que o ilustrador se utilize da fantasia. E Biazetto (2008, p. 89) complementa:

Por isso é importante que a ilustração de livros seja cheia de poesia, metáforas e fantasia, para que consiga, assim, emergir de um meio repleto de apelos visuais e se fazer observar, atraindo o olhar por meio da fantasia e da poesia visual. E que, desse modo, possibilite a criança e ao jovem uma experiência prazerosa e enriquecedora. Uma ilustração rica, associada a um texto também rico, estimula e alimenta a imaginação e a criatividade do leitor. Nesses tempos atuais, precisamos todos (não só as crianças) de encantamento e de estímulo a criatividade. Muita fantasia e muita cor, existe algo mais encantador?

A autora menciona que vivemos em uma época em que estamos cercados por imagens. Elas estão por todos os lugares. São criadas com o intuito de vender, convencer, informar etc. Essas imagens estão na TV, na internet e em todos os meios digitais em geral. Muitas dessas imagens são criativas, mas existe um excesso delas. Então, aproveitar a riqueza de imagens criadas através da fantasia de um livro é um excelente incentivo.

Fittipaldi (2008, p. 103) diz que: “Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar”. A autora corrobora que, se, ao olharmos uma imagem, conseguimos ver o acontecimento em ação, e aquilo que ali está representado, um ou mais personagens, o antes e depois, então, isso é uma narração.

Dessa forma, o ilustrador é peça importante em termos de imagem, pois seu trabalho é dedicado ao leitor, uma vez que, em contato com o texto verbal, precisa estar atento aos seus sentidos, para atribuir, por meio das imagens, precisão nos valores sensoriais e significativos. Deve criar possibilidades comunicativas em termos visuais, de forma que alcance o leitor; por isso, deve aproveitar suas emoções e conhecimentos culturais e sociais no processo de leitura. Assim, linguagem verbal e linguagem visual serão mais exploradas.

Alguns autores do livro *O que é qualidade em ilustração no livro infantil: com a palavra o ilustrador*, organizado por Ieda de Oliveira, tais como Ana Terra, Ângela Lago e Teresa Lima, tecem depoimentos importantes sobre as ilustrações.

Ana Terra (2008, p. 167) afirma:

Técnica, traço ou estilo não são tão expressivos quanto a capacidade de linguagem que uma imagem deve ter. Comunicar, independentemente de estar acompanhada de texto ou não, dialogar e instigar o olhar são basicamente a expressão do cumprimento do trabalho de um artista. Este sintetiza seu “diálogo” (ou o “diálogo” determinado por um texto), rapidamente captado pelo olhar do seu leitor. Isso é funcional. Isso é qualidade.

Para a autora, a ilustração deve ser dirigida para o público. Ela exemplifica que, se é para o público infantil, deve fazer parte do universo em que esse público se encontra, porque a ilustração precisa fazer parte do universo lúdico da criança, divertindo-a. Nesse sentido, a ilustração precisa passar uma mensagem que seja compreendida pelo leitor.

Ângela Lago (2008, p. 173) relata que pediu a uma criança que lhe ajudasse a responder a uma pergunta muito difícil: “[...] o que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil? Ela não teve dúvidas: ‘Um desenho bom é um desenho que faz rir’”. A autora diz que a criança está certa, pois os desenhos precisam fazer rir ou sorrir e algumas coisinhas mais.

De acordo com Teresa Lima (2008), as palavras escritas contam com uma série de ideias feitas a partir da sensibilidade dos ilustradores, e esses possuem gosto pessoal e seu modo particular de expressão gráfica para essas interpretações. Formas, cores, texturas e composições são elementos utilizados nas ilustrações dos livros. Para Lima (2008, p. 199),

O texto oferece o tema e, naturalmente, influencia o processo criativo, no entanto, a relação estabelecida entre a escrita e a imagem deverá ser sempre de complementaridade e nunca de servilidade. Nada acrescentará a um livro uma ilustração que se limite a traduzir visualmente uma parte específica de um texto, do mesmo modo que não se esperaria que um escritor, a partir de uma imagem, criasse um texto meramente descritivo dela.

Assim, para Teresa Lima (2008), o texto literário tende a denotar suas qualidades com o domínio da escrita e criatividade do autor/escritor; da mesma forma, a ilustração, através do domínio da linguagem plástica, também apresenta suas qualidades, por meio da imaginação, fantasia, criatividade e originalidade do autor/ilustrador. Dessa maneira, o domínio da escrita e da ilustração proporcionam possibilidades de interpretação do texto, que vão de encontro às vivências pessoais do leitor. “Aliar o gosto de ler com o ver, num mesmo espaço que é o livro ilustrado, é de fato tornar o livro um verdadeiro objeto de prazer!” (Lima, 2008, p. 200).

Portanto, por meio de um texto, temos acesso a narrativas que mexem com a imaginação. Através da ilustração, abre-se um caminho de inúmeras possibilidades que aguçam a memória e os sentimentos. Essas múltiplas leituras são de extremo valor para o leitor, visto que as palavras vão criando o texto, que por sua vez vão criando as imagens que dialogam com o texto. Por fim, texto e imagem se complementam. Um exemplo significativo que envolve texto e imagem na literatura é a temática da história e da cultura afro-brasileira, que expressam um enorme legado cultural.

A Lei nº 10.639, sancionada em 2003, versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana e propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história da cultura negra na formação da sociedade brasileira (Brasil, 2003). Vale lembrar que, com essa lei, foi instituído o Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado no dia 20 de novembro, em homenagem ao líder quilombola negro, Zumbi dos Palmares.

Inserir o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no cotidiano escolar é importante forma de conscientização. A importância de se estudar a história da diversidade étnico-

racial está relacionada às profundas relações que mantemos ao longo da nossa história com os povos. Nossa identidade é fruto dos encontros e confrontos que mantivemos com os diversos grupos étnicos que formaram nosso povo e nossa gente.

De acordo com Munanga (2005, p. 16):

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

É preciso reverter esse quadro preconceituoso que se encontra dentro da sociedade e, principalmente, dentro da escola, uma vez que isto prejudica a educação e a formação de todos os sujeitos, em especial dos que fazem parte dos grupos étnicos e que são as maiores vítimas do preconceito e da discriminação racial.

Ainda segundo Munanga (2005, p. 17),

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que consequentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira.

A educação tem, como uma de suas funções sociais, que oferecer às crianças, jovens e adultos oportunidades de questionamentos sobre os mitos acerca de superioridade e/ou inferioridade entre os diversos grupos étnicos que regem a cultura social no mundo; sendo assim, essa cultura racista, que é internalizada logo no início da fase escolar, pode ser revertida e ressocializada. Por isso, o(a) educador(a) pode desmistificar o preconceito e mostrar para as crianças que não devem existir diferenças entre elas e que o preconceito prejudica as relações humanas.

Nas palavras de Debus (2017, p. 22-23),

Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada do mundo. Desse modo, a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível.

A autora relata que existe uma produção de escritores negros como literatura negra ou literatura afro-brasileira, mas “[...] a origem étnica e o conteúdo não são suficientes para estabelecer a especificidade da Literatura Afro-Brasileira. No entanto, a temática da cultura africana e afro-brasileira, bem como a escrita de escritores afro-brasileiros ficou silenciada” (Debus, 2017, p. 23).

Debus (2017) complementa, apontando que as políticas de reparações são necessárias na sociedade, e que a inclusão da temática africana e afro-brasileira no currículo escolar visa contemplar a população negra e o conjunto de brasileiros que são cidadãos atuantes na sociedade. Debus (2017, p. 39) afirma que as Diretrizes

[...] propõem uma visada interdisciplinar no que diz respeito ao trabalho da história e cultura africana e afro-brasileira, focalizando as disciplinas de Artes, Literatura e História como campos profícuos para a sua inserção. Desse modo, o mercado editorial que anteriormente (a partir de 1998), quando da divulgação dos Temas Transversais, já havia se adaptado à demanda da pluralidade cultural, adapta-se ao novo filão: livros literários que tragam a discussão das relações étnico-raciais – aqui, no caso específico, em relação ao negro.

Constata-se que, na história da literatura brasileira, assim como na literatura de recepção infantil e juvenil, “[...] o negro foi pouco representado, e, quando isso ocorreu, concretizou-se pela subalternidade como escravizado e obediente aos desmandos do branco, ou numa visão ingênua de relações pós-escravidão” (Debus, 2017, p. 39).

A autora também relata que em pesquisas realizadas sobre a produção de literatura, com a temática africana e afro-brasileira para jovens e crianças, nos catálogos editoriais brasileiros, existe discrepância com a representação entre os personagens brancos e negros. Contudo, após a promulgação da Lei nº 10.639/03 e das Diretrizes, ocorreu significativa ampliação literária no mercado editorial do Brasil para o público infantil.

Na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), também é destacada a importância das temáticas que são voltadas para a diversidade cultural, destacando-se as abordagens relacionadas à história dos povos indígenas originários e africanos, e entendendo que a presença de diferentes povos e culturas foi fundamental para a formação da sociedade brasileira.

Dessa forma, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. (Brasil, 2017, p. 399).

O documento mostra que essa percepção estereotipada, apresentando diferenças, quando se trata dos povos africanos, ainda persiste. Porém, transformar essa visão é possível, propiciando o discernimento e a conscientização sobre as experiências humanas e culturais no contexto social, desde a Educação Infantil.

4 Considerações finais

Por meio do texto apresentado, verificamos a importância da mediação docente como estímulo para a prática da leitura literária. O(A) professor(a)/mediador(a) pode utilizar estratégias diversificadas para que o momento da leitura seja mais significativo, possibilitando contribuição na formação das crianças. Dessa forma, as práticas empregadas devem despertar o conhecimento, possibilitar o estímulo da leitura na infância, visando à formação leitora e cidadã, visto que é necessário que haja compreensão sobre aquilo que foi lido, seja por meio de um texto ou por imagens.

Na mediação docente, é possível criar e recriar maneiras variadas de contar histórias, utilizando materiais e espaços diversificados, e, desse modo, o(a) professor(a) será uma ponte para que as crianças desenvolvam as habilidades de aprendizagem necessárias, tendo na literatura o pano de fundo.

Enfim, esperamos que, por meio do texto apresentado, os profissionais que atuam na Educação Infantil e outros, que em suas práticas trabalham com a literatura, repensem suas práticas e, assim como as crianças, quando se deparam com a literatura infantil, sintam interesse, curiosidade e analisem o que pode ser aprimorado no trabalho diário. A literatura infantil oferece várias possibilidades de aprendizado e pode reorientar nossa prática diária. Devemos repensar nossa prática diária, para que ela possa ser ressignificada sempre que necessário.

Referências

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 3. ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BIAZETTO, C. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 74-91.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): A Educação é a Base*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_doman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192.. Acesso em: 22 fev. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 22 fev. 2023.
- DEBUS, E. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.
- FITIPALDI, C. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 92-121.
- FONSECA, E. *Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil*. Coordenação de Josca Ailine Baroukh. Organização de Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações).
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GALVÃO, C. de S. L. *Existe uma literatura para bebês?* 2016. 274 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- HAMPEL, L. C. dos S. M. *Os bebês, a professora e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação da leitura no Berçário*. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- LAGO, A. [Depoimento]. In: OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 172-173.
- LAIJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LIMA, T. [Depoimento]. In: OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 198-201.

MUNANGA, K. *Superando o Racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

OLIVEIRA, R. de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 12-47.

PARREIRAS, N. *Do ventre ao colo, do som a literatura: livros para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PINTO, M. L. A. *Interação de bebês com livros literários*. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

TERRA, A. [Depoimento]. In: OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 166-167.